

Dá para consertar

Jeffrey Sachs

Valor Econômico, 2.3.2012, por Daniela Chiaretti

É justo dizer que nos últimos 20 anos houve muito debate sobre legislação e acordos, mas não muito progresso em ações concretas.

Dois homens estão sentados lado a lado em um avião em um longo périplo pela África. Um deles é magro e baixo, usa terno preto e está cercado por papéis; o outro é largadão, barbudo e sonolento. Quando a comissária pede autógrafo ao desleixado, ele aponta imediatamente para o vizinho: "Em algum momento o autógrafo dele valerá muito mais que o meu". A história é contada pelo astro pop Bono Vox, líder da banda irlandesa U2, o "hiponga" em voo. O amigo que ele reverencia é um dos maiores economistas do mundo, Jeffrey David Sachs, de 57 anos, americano de Detroit, dono de currículo quilométrico, conhecedor da realidade de mais de cem países, o jovem que aos 31 anos controlou a hiperinflação boliviana.

Sachs é pragmático mas não é previsível. Há tempos ele deixou de pensar apenas nos recursos financeiros para se preocupar com os recursos naturais e a ciência, a miséria e suas sequelas. "O planeta está batendo no ponto de não retorno", diz em discurso nas Nações Unidas o sujeito que é conselheiro do secretário-geral da ONU. "Estamos nos matando."

Este Nobel em potencial das ciências econômicas respira desenvolvimento sustentável em seu cotidiano há dez anos, desde que começou a dirigir o Earth Institute, na Universidade de Columbia, em Nova York. É lá, cercado de cérebros, que ele procura resolver a difícil equação planetária, na qual sete bilhões de pessoas pressionam fontes de água e estoques de peixes, pioram a qualidade do ar, alteram o clima da Terra e patrocinam uma assustadora extinção de espécies. Sachs teria perfil estelar para a Rio+20, a conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável que será realizada no Rio em junho, não fosse cético das capacidades dos diplomatas em resolver os problemas do mundo. Mas ele acredita na força da conferência, desde que trilhe outra rota. "Penso que teríamos de sair da Rio+20 com caminhos práticos."

Ácido com a paralisia de seu país em participar da solução da crise ambiental global - mas também com a posição cômoda dos emergentes de dizer que são as nações desenvolvidas que têm a responsabilidade histórica em bancar as soluções e ficar nesse jogo de empurra -, Sachs é um entusiasta dos Objetivos do Milênio da ONU, projeto que dirigiu. Trata-se das metas estruturadas que procuram acabar com a fome no mundo, garantir educação básica para todos ou reduzir a mortalidade infantil. Algo próximo disso e que lida com os ecossistemas e energias renováveis, os oceanos e a qualidade da água, com prazos e metas concretas, poderia ser o maior trunfo da Rio+20, na sua visão. Seriam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável a dar o caminho das políticas públicas e dos investimentos, tudo devidamente temperado com muita tecnologia.

A revista "Time" listou Jeffrey Sachs duas vezes como uma das cem personalidades mais influentes do mundo e diz que ele é uma marca, um sujeito

que está em todos os lugares e se encontra com todo mundo que interessa. Pode até ser verdade, mas esse economista passa muito tempo também com gente invisível. "A sala está cheia de gemidos", escreveu ao visitar uma enfermaria lotada de doentes terminais de aids no Malawi, durante seu trabalho na África. Ele conta essa passagem no livro "O Fim da Pobreza", o mesmo no qual Bono, seu aluno em Harvard - onde Sachs lecionou por 20 anos -, faz o prefácio e narra a cena do avião.

Se o novo conceito da moda, a economia verde, produzirá ou não mais empregos, não é ponto fundamental, argumenta Sachs, ex-assessor do Banco Mundial, da OCDE e do FMI até o momento em que concluiu que os ajustes estruturais propostos pelo Fundo Monetário Internacional causavam danos aos países pobres. "Penso que temos coisas melhores a fazer com o nosso tempo do que perseguir dióxido de carbono", diz, referindo-se ao vilão do efeito estufa, o CO2. "A única razão para que tenhamos que pensar nesse negócio é que será muito nocivo se deixarmos tudo do jeito que está." Jeffrey Sachs, a mente ventilada de quem andou por todos os continentes, fala nesta entrevista ao **Valor** sobre sua ideia de taxar as emissões de carbono, sobre os padrões de consumo insustentáveis que as nações emergentes não deveriam copiar e até sobre como o Brasil deveria pensar a exploração do pré-sal.

Valor:

O senhor disse em discurso nas Nações Unidas que a Rio+20 deveria ser honesta e admitir as mais de duas décadas de fracasso global na área ambiental. O que quis dizer?

Jeffrey Sachs: A conferência do Rio em 1992 foi uma grande conquista da legislação ambiental internacional. Três grandes tratados ambientais saíram de lá: a Convenção do Clima, a da Biodiversidade e a do Combate à Desertificação. Quando olhamos para tudo isso 20 anos depois, temos três fundamentos da lei internacional, mas sem muito resultado. A mudança climática piorou dramaticamente e não temos um arcabouço no qual trabalhar. Registramos perdas gigantes em biodiversidade e enfrentamos secas cada vez mais fortes nas regiões áridas. Acho que é justo dizer que nos últimos 20 anos houve muito debate sobre legislação e acordos, mas não muito progresso em ações concretas. Penso que teríamos de sair da Rio+20 com caminhos práticos. Em outras palavras: esses problemas não devem ser deixados mais ao crivo de advogados. É preciso encontrar abordagens de desenvolvimento sustentável que façam sentido, que sejam mensuráveis e possíveis de replicar. É disso que se trata.

Valor: *Como a Rio+20 pode ter bons resultados, se é que acredita que isso seja possível?*

Sachs: Uma coisa que acho muito importante é a conferência endossar a adoção de metas de desenvolvimento sustentável para logo depois de 2015.

Valor: *Por que é importante?*

Sachs: É muito importante e muito animador. Gastamos muito tempo debatendo os termos de acordos internacionais e enquanto isso o mundo trabalhou em uma atividade paralela, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, adotados no ano 2000. Eles não se originaram de um tratado. O mundo concordou em adotar metas específicas com prazos, e, mesmo se não são "legalmente vinculantes", na

famosa expressão jurídica, mesmo se há deficiências no seu cumprimento, houve também grandes avanços.

Valor: *As metas de desenvolvimento sustentável poderiam seguir a mesma orientação?*

Sachs: A adoção de metas concretas, ambiciosas, mas realistas e com prazos determinados, ajudou a alavancar esforços tremendos do setor público e privado no combate à fome, à pobreza e às doenças. Metas globais podem ser úteis se forem colocadas de forma que as pessoas consigam entender do que se trata, em vez de ficarmos debatendo termos legais ou quem tem que fazer o quê. Com as metas todo mundo diz "hum, vamos fazer todos juntos algo aqui". Claro que isso não é simples, mas, no mínimo, desenha-se um conjunto de ações comuns com um cronograma comum e uma agenda comum de ações. É assim que acho que os objetivos do desenvolvimento sustentável deveriam ser.

Valor: *Mesmo que não sejam legalmente vinculantes, ou seja, mesmo que não se tornem leis internacionais?*

Sachs: Exatamente. Esses objetivos podem inspirar o mundo e ser práticos. Um dos problemas nas áreas de clima e biodiversidade é que os objetivos costumam ser ambiciosos, mas os caminhos não são práticos. E também os diplomatas que debatem esses temas não entendem realmente do que se trata. Não são engenheiros, não são especialistas em desenvolvimento, não são técnicos e por isso perdemos muito tempo com abstrações. O que gosto nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável é que, se bem montados, podem ajudar o mundo a andar para a frente.

Valor: *O senhor vem dizendo que o mundo atingiu o ponto de não retorno e estamos nos matando. Como assim?*

Sachs: Os cientistas chegaram a um estado de alarme. Somos hoje sete bilhões de pessoas. Na média, cada pessoa do planeta produz o equivalente a US\$ 10 mil [por ano]. O tamanho da atividade humana é sem precedentes na história. Em cada dimensão dos nossos ecossistemas há perigos que nunca vimos antes. Com a emissão de gases de efeito estufa estamos mudando o clima na Terra. Estamos matando muita biodiversidade, dos corais aos anfíbios, espécies polinizadoras e até alguns mamíferos. Até os primatas estão mais perto da ameaça de extinção por causa da destruição de seus habitats. Estamos poluindo rios no mundo todo em razão do uso abusivo de fertilizantes com nitrogênio e fósforo. Estamos esgotando os lençóis freáticos e acidificando os oceanos. Para qualquer lugar que se olhe estamos fazendo coisas aos ecossistemas terrestres como nunca antes e tudo isso em função da atividade humana. O nosso território está se tornando muito perigoso.

Valor: *O senhor tem alguma percepção disso no seu cotidiano?*

Sachs: O Earth Institute tem 850 cientistas. Todos os dias um deles vem me explicar que o mundo está ficando ainda mais perigoso do que eu imaginava. Há um perigo ainda pior: o público não está ciente desses riscos todos.

Valor: *Por que não?*

Sachs: Por dois motivos. Por um lado a ciência é complicada e incerta. Do outro, há uma incrível quantidade de propaganda de grandes empresas que estão

confundindo o público deliberadamente sobre o assunto. Elas não querem ser controladas.

Valor: *O senhor se refere às petroleiras?*

Sachs: Principalmente, mas não só. Nos Estados Unidos tem havido uma campanha liderada por Rupert Murdoch e pela News Corporation, e outras empresas, que fazem um tipo de propaganda corporativa como as empresas de cigarro costumavam fazer. O impacto disso é muito perigoso porque as pessoas estão confusas e a ação está sendo adiada. Os EUA são o caso número 1 de país que está se comportando de maneira irresponsável.

Valor: *Algum dia teremos um tratado climático global? O que o mundo pode esperar disso?*

Sachs: Mas nós temos um tratado. O que não temos é a implementação. O perigo é real em todos os lugares. Veja o exemplo do Brasil, com sua luta para salvar a Amazônia. Os brasileiros estão percebendo agora que, mesmo salvando a Amazônia, se as mudanças no clima global forem muito fortes, a floresta pode ser destruída. A causa não seriam forças internas, mas o mundo lá fora. Há evidências de que, se o mar do Caribe aquecer muito, poderia levar a uma seca forte na bacia amazônica. O Brasil já viveu secas severas na Amazônia e, no longo prazo, isso poderia levar a uma seca devastadora na região. Nessa hipótese, mesmo se o Brasil fizesse todos os esforços para salvar a floresta, ela ainda assim poderia morrer em função da mudança climática. Todo país enfrenta essa realidade. No sudoeste dos EUA, agora, há uma seca muito séria. Estive em Bangladesh há poucas semanas, país de baixas altitudes que pode ser devastado pelo aumento do nível do mar. Em todo lugar que se olhar no mundo, os perigos são enormes. Mas, também, em todo lugar que se olhe, há pouquíssima ação. É isso que a Rio+20 deveria pretender mudar. A conferência deveria ser uma cúpula de ação.

Valor: *O que isso significa?*

Sachs: Quer dizer que, em vez de debater o Anexo 1 e o Anexo 2 [a divisão de países que existe no Protocolo de Kyoto e as obrigações de cortar gases de efeito estufa], tudo bem detalhado, todos os países deveriam se perguntar simplesmente: qual é o nosso programa de ação para caminhar rumo a uma economia de baixo carbono nos próximos anos? A maioria, ao responder, diria que não tem a menor ideia. Quais são as tecnologias acessíveis? perguntariam. E a primeira coisa que fariam, em vez de chamar diplomatas, seria falar com cientistas e engenheiros e perguntar quais seriam as escolhas, qual tipo de energia renovável poderiam ter, se seria preciso mudar a rede elétrica, quais são as possibilidades para veículos elétricos e assim por diante.

Valor: *O senhor imagina um caminho voluntário, sem que se monte um tratado?*

Sachs: Sim. Ao tentar montar seu plano de ação, os países se dariam conta de que essas são questões centrais e de que algumas tecnologias são duvidosas, algumas custam muito, algumas têm que ser importadas. Então, começando por responder às questões nacionais, muitas perguntas iriam aparecer. Cientistas, líderes, gente de tecnologia iriam debater quais são os reais cenários para a transição para carros elétricos, quão rápido isso pode ser feito no Brasil, o que a China vai fazer, quais são os passos dos EUA. E, em vez de debater com as

pessoas erradas, que são os diplomatas - eles são ótimos, mas não são as pessoas certas para discutir nada disso -, entenderiam que precisam de engenheiros, ecologistas e até de uns poucos economistas na sala para martelar alguns planos práticos. Eu diria que dois ou três anos com gente prática e teríamos um tipo de política muito diferente no mundo. Todos aceitariam ir adiante. Os ricos teriam que ajudar os mais pobres com recursos e ajuda. Haveria iniciativas bem específicas para desenvolvimento de tecnologia.

Valor: *Como resolver o problema de transferência de tecnologia, sempre emperrado?*

Sachs: Para cada problema existe uma solução. Mas não dá para resolver em teoria, tem que ser fazendo. Vamos imaginar que há uma tecnologia fundamental em baterias, que empresas de algum país rico são suas donas e que países de renda média precisam delas. Haveria uma negociação a partir de conceitos de repartição de tecnologia, não de monopólio. Poderia acontecer de os países ricos pedirem o pagamento de royalties, mas menos de 5%. Ou poderiam dizer: "Precisamos dos 5% de royalties para a empresa, mas nós pagaremos, em vez de o Brasil pagar". Não sei a resposta para cada caso, mas sei que a abordagem atual é muito teórica. Quero fazer algo, não apenas falar sobre o assunto.

Valor: *O que o senhor acha de países como China, Índia e Brasil, que crescem e colocam mais gente na classe média em um momento em que alcançamos os limites dos recursos naturais do planeta? Chegaram a isso na hora errada?*

Sachs: O futuro será determinado nos lugares que chamamos de países em desenvolvimento. Hoje o mundo de gente com renda mais alta é de mais de 1 bilhão de pessoas. O mundo de renda média tem algo em torno a 3 bilhões de pessoas e o de mais baixa renda, outros 3 bilhões, em um planeta de 7 bilhões de habitantes. Isso significa que o mundo em desenvolvimento é 6/7 do planeta. E muito dele, graças a Deus, está crescendo rápido. Países como o Brasil estão se tornando potências tecnológicas, assim como a China e a Índia, o que é muito bom. Mas junto com isso vem também muita responsabilidade e liderança.

Valor: *Como o senhor vê a tensão entre os países nas negociações climáticas em um jogo de apontar quem tem que fazer o quê?*

Sachs: Sou o primeiro a dizer que o meu país não tem feito praticamente nada, tem sido uma desgraça. Mas isso não é desculpa para um país como o Brasil dizer "bem, então nós também não faremos nada". O Brasil tem apontado seu dedo para os EUA indicando "O que vocês estão fazendo? São o mais rico país do mundo e estão se comportando de maneira totalmente irresponsável". Não acredito em conversa mole, o mundo está em um estágio crítico na história da humanidade. Todos vamos ter que fazer algo, vamos ter que ter uma abordagem justa, equilibrada, que não comprometa o princípio do desenvolvimento. Mas temos que nos mexer além da ideia de que o Brasil, desenvolvendo-se, vai ficar parecido com os EUA hoje.

Valor: *Isso é ruim?*

Sachs: Isso seria uma loucura para o Brasil, para os EUA e para o mundo todo. Se o padrão para propriedade de carros for uma imitação do que acontece aqui, teremos outros 6 bilhões de carros no mundo e vamos destruir completamente o ambiente. Precisamos de outra tecnologia para transportes e, felizmente, há

algumas ótimas ideias surgindo. Há pequenos veículos urbanos elétricos com sistemas muito mais inteligentes do que os carros atuais. De novo, minha opinião é que ter encontros como Copenhague ou Durban não vão nos fazer chegar mais perto da solução. Precisamos de uma agenda prática. Os brasileiros, por exemplo, se pensarem no que precisam para ter uma agenda de baixo carbono, vão imaginar um sistema de transporte público do século XXI e não do século XX, talvez carros elétricos, talvez muita tecnologia. Precisamos todos ser parte dessa história. Em algum ponto vamos nos perguntar, OK, mas e os direitos de propriedade? E é aí que algum tipo de sistema de pagamento de royalties, subsídios ou transferência de tecnologia vai aparecer e resolveríamos isso passo a passo. Temos que ser muito práticos e precisamos ter algum tipo de convergência em que os países pobres não serão eliminados do desenvolvimento. Estamos todos juntos nisso, ninguém pode dizer "este assunto não é meu".

Valor: *O senhor acredita em um tipo de taxa, de cobrança global, não é?*

Sachs: Existe a cifra dos US\$ 100 bilhões anuais (o valor estimado para que o mundo consiga reduzir a emissão de gases de efeito estufa na atmosfera e se adaptar aos impactos da mudança do clima). Agora os EUA estão tentando dizer que esses US\$ 100 bilhões poderiam vir do setor privado. Precisamos de financiamento público para ajudar a construir essa agenda, mas os EUA odeiam a ideia de dar assistência a desenvolvimento. Eu me preocupo com isso porque acho que o processo vai se tornando menos sério. Há uma resposta direta que pode ajudar a destravar esse ponto. Claro, nada é simples assim, mas escrevi um pequeno plano no qual os países de alta e média renda fariam contribuições baseadas em suas emissões anuais de gases de efeito estufa.

Valor: *Qual é a sua ideia?*

Sachs: Os dólares por tonelada seriam diferenciados, os países de renda média pagariam uma taxa maior, mas todo mundo participaria. Grosseiramente falando, poderiam ser cerca de US\$ 3 por tonelada de CO2 emitido a cada ano e aí chegaríamos a algo perto dos US\$ 100 bilhões. Poderiam ser US\$ 4 se a cobrança fosse limitada aos países de renda alta. Mas o ponto é que seria uma pequena taxa, país a país, objetiva, baseada em uma fórmula simples para nos fazer chegar ao volume de recursos de que precisamos. Não são cifras enormes de dinheiro para uma economia global de US\$ 70 trilhões. Temos que parar de discutir generalidades e concordar com ações específicas.

Valor: *Mudando de assunto: o Brasil descobriu um volume imenso de petróleo no mar. Poderia trilhar o caminho errado, do passado?*

Sachs: Há dois pontos bem diferentes quando se pensa sobre o que fazer com o petróleo no mar. O primeiro é como explorar esse petróleo de maneira segura. Os EUA viveram um enorme desastre nesse campo em 2010 e frequentemente essas empresas são desonestas, míopes, corrompem os legisladores. Os EUA têm um sistema regulatório todo corrompido por empresas que cortaram custos onde não deviam, comportaram-se mal e terminamos com um grande desastre. Mesmo em um país como o Japão, vimos como o sistema que controlava uma usina nuclear era horripelantemente mal gerenciado. Então, a primeira coisa que eu diria é que o Brasil deveria ter um sistema de gerenciamento ambiental muito sério, capacitado e técnico. O segundo ponto é sobre o que vamos fazer com o

petróleo nesse mundo. Claro, continuaremos usando petróleo por algumas décadas ainda e evidentemente o Brasil vai explorar seu petróleo. Mas é preciso colocar a questão do combustível fóssil dentro de uma moldura climática séria.

Valor: *O que o senhor quer dizer?*

Sachs: Teremos que usar sistemas de sequestro de carbono [CCS, na sigla em inglês], ao usar os combustíveis fósseis, para capturar o CO2 dali. Há outras opções tecnológicas, mas não estamos trabalhando nelas seriamente e isso deveria ser parte do desenvolvimento, ser o lado sustentável do desenvolvimento. O Brasil pode explorar o petróleo, mas tem que ter responsabilidade sobre como cortar o uso de combustíveis fósseis ou como o CO2 será capturado.

Valor: *O senhor acredita, então, na resposta da tecnologia aos problemas?*

Sachs: Acho que é absolutamente essencial. Estamos vivendo uma revolução tecnológica e de informação extremamente promissora. Agora qualquer informação pode ser digitalizada, quase imediatamente transmitida, disponível em qualquer parte. Há 20 anos saímos de uma realidade sem celulares para os 6 bilhões hoje e são inteligentes. A próxima revolução será máquina falando com máquina, comunicação instantânea para fazer o sistema elétrico mais inteligente, para incorporar energia renovável, para fazer carros muito mais eficientes. Temos possibilidades fantásticas, mas não vão acontecer espontaneamente. Têm que ser planejadas, dirigidas, estimuladas. É por isso que é chave trabalhar com metas concretas e objetivas.

Valor: *Empregos verdes e economia verde não são uma ilusão? São para valer?*

Sachs: Não vejo isso como um júbilo do tipo "Oh, cara, agora podemos ter economia verde!". Não gosto de falar disso em termos de empregos. Gosto de olhar em termos de minimizar os custos dos danos que estamos causando ao planeta. Mesmo se não criássemos emprego algum, eu ainda acharia que esse é o caminho que temos que trilhar. Penso que temos coisas melhores a fazer com o nosso tempo do que perseguir dióxido de carbono. Se o CO2 fosse seguro, não gastaríamos um centavo nele. A única razão para que tenhamos que pensar nesse negócio é que é muito nocivo se deixarmos do jeito que está. Não estou discutindo se esse movimento nos deixará mais ou menos ricos. Meu argumento é que essa é a melhor maneira de fazer que evitemos desastres.

Valor: *Estamos vivendo o fim do capitalismo?*

Sachs: Penso que precisamos modernizar o capitalismo. Veja as economias que, na minha opinião, têm o melhor desempenho: Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda e Alemanha.

Valor: *Por que o senhor escolhe essas?*

Sachs: Porque equilibram mercado com políticas sociais e ambientais. Fazem isso de maneiras diferentes e não são perfeitas, mas são países altamente produtivos, orientados pelo mercado, com baixa desigualdade, taxas bem baixas de pobreza, igualdade entre homens e mulheres. São generosos nas licenças-maternidade e paternidade e nas férias porque acreditam em uma vida equilibrada. São economias baseadas em mercados dentro de regimes capitalistas, mas não são a face implacável do capitalismo. Os governos dos

países escandinavos têm níveis de corrupção muito baixos porque não deixam os negócios ditarem a política, deixam os governos regulamentarem os negócios. Acho que são bons modelos. Não são perfeitos, mas mostram que podemos ter uma economia de mercado e ao mesmo tempo uma sociedade muito humana. Os EUA são um modelo muito pobre neste momento. É corrupto, altamente desigual, ambientalmente negligente e tem preços excessivos no sistema de saúde porque deixaram o setor privado dominar a nossa política. É um exemplo de mercado que foi longe demais. Os modelos escandinavos são de sociedades equilibradas, éticas e moderadas. Espero que esses países continuem muito prósperos. Neste momento eles estão muito bem, dão ótimas condições de vida às pessoas, mostram como evitar a corrupção e provam, no meu ponto de vista, que é possível ter um capitalismo não imprudente. Eles usam a bandeira da social-democracia. Isso, na minha cabeça, são boas descrições.

Valor: *O senhor não mencionou a China.*

Sachs: A China é uma obra em andamento. Está sendo muito bem-sucedida em alcançar os países mais avançados. Tem tremendo progresso, mas eu não chamaria exatamente de um modelo exemplar. Neste momento está tentando lidar com problemas sociais e ambientais, de governança e corrupção, e tem enormes desafios em cada uma dessas áreas. Eu admiro a China. É um país avançando rápido, e acho que os chineses estão fazendo um grande trabalho. Mas os países que mencionei são os de maior renda no mundo e estão fazendo incríveis avanços em alcançar prosperidade de uma maneira social, ambiental e sustentável.

Valor: *O senhor virá à Rio+20?*

Sachs: Mas é claro!